

SIMPÓSIO AT093

COMENTÁRIO COMO UM PRINCÍPIO DE CONTROLE DA FUNÇÃO DE COAUTORIA

PARAGUASSÚ, Alita Carvalho Miranda
Instituto Federal de Goiás
alitaparaguassu@gmail.com

Resumo: O objetivo deste trabalho é registrar o início de nossas reflexões sobre a participação do professor-orientador na constituição dos seus alunos enquanto autores de textos acadêmicos. A partir da análise do discurso francesa, em diálogo com Foucault, Barthes e Chartier, pretendemos compreender a função de autoria na contemporaneidade, sobretudo no espaço e tempo acadêmicos, regidos por ordens discursivas em que o comentário do orientador funciona como um princípio de controle, organização e distribuição do texto do aluno. Desse modo, levantamos a importância do professor enquanto um leitor ativo do orientando, e não um mero leitor-corretor. No meio acadêmico, o autor é envolvido por instrumentos institucionais de vigilância, legalidade e estabilidade. Resta ao professor exercer sua função de comentador sem apagar e silenciar a voz autoral do aluno. As reflexões aqui postas dialogam com as condições de produção de escrita contemporâneas, considerando mudanças corporais, legais, morais e mesmo transformações nos meios de circulação e distribuição dos textos. O gênero acadêmico, como qualquer outro gênero mais cotidiano, não se desprende das atividades de linguagem e da interação entre os sujeitos.

Palavras-chave: Autoria; Escrita; Comentário; Professor-orientador.

Abstract: The purpose of this paper is to record the beginning of our reflections about the participation of the teacher-advisor in the constitution of his students as authors of academic texts. From the french discourse analyses, in dialogue with Foucault, Barthes and Chartier, we intend to understand the function of authorship in contemporary times, especially in academic space and time, ruled by discursive orders in which the advisor's comment works as a principle of organization and distribution of the student text. In this way, we raise the importance of the teacher as an active reader of the guide, and not a mere reader-broker. In the academic world, the author is surrounded

by institutional instruments of vigilance, legality and stability. It remains for the teacher to act as a commentator without erasing and silencing the student's authorial voice. The reflections put forward here dialogue with contemporary writing production conditions, considering changes in the body, law, morals and even transformations in the means of circulation and distribution of texts. The academic genre, like any other more everyday genre, does not detach itself from the activities of language and the interaction between the subjects.

Keywords: Authorship; Writing; Comment; Teacher advisor.

Introdução

Estes são os primeiros escritos de indagações que vem sendo levantadas a partir de experiências com um grupo de alunos e professores que analisam discursivamente as condições de produção da escrita em escolas públicas no estado de Goiás, região central do Brasil.

Enquanto os integrantes em nível de graduação da pesquisa *A construção da autoria em práticas de escrita escolares* coletam dados e compartilham conosco suas problematizações, oralmente e em textos escritos, pensamos sobre o nosso papel em orientá-los academicamente, o que envolve também a intensa participação da consituição desses alunos enquanto autores.

As próximas linhas constroem, portanto, um projeto de investigação científica sobre essa relação gratificante, necessária e nem sempre tranquila entre o professor-orientador e seus orientandos em nível de graduação, tendo como registro da atividade de orientação acadêmica os textos escritos pelos discentes e as marcações com sugestões de reescrita e de revisão indicadas nesses textos pelo docente.

1. A vida do autor na contemporaneidade

Muitos teóricos e escritores renomados anunciaram o que para eles seria o autor. Ora aquele que detém poder sobre o texto escrito, ora aquele que confessa no texto escrito a sua intimidade, ora aquele que possui relação intrínseca com o mundo divino ou mitológico e por isso tem o dom de escrever, ora aquele que garante legitimidade ao que foi dito por uma coletividade. Entre a morte, o apagamento e o sacramento do autor ele persiste em diferentes contextualizações históricas e se relaciona de modo heterogêneo com diferentes suportes e gêneros discursivos.

Não se dá, por exemplo, a mesma importância ao autor de uma receita de bolo na década de 1980 e em 2019, quando temos vários programas televisivos - sejam *reality shows*, quadros em jornais na TV aberta, documentários em canais de TV fechados, entre outros – e em meio virtual que consagram a gastronomia como um mercado com receita e assinatura. A cozinha não é mais o lugar onde todos se sentam a mesa, mas um espaço de produção de saber e poder regimentado por estilos, prêmios e avaliações especializadas.

Se a receita de bolo era um gênero textual que de vez em quando aparecia na aula de língua portuguesa como um exemplo da tipologia textual descritiva, hoje a receita de bolo envolve aspectos exteriores à língua mais complexos e passíveis de discussões, como o interesse mercadológico, os valores culturais materializados, o uso de estrangeirismos, a presença do autor como autoridade reconhecida socialmente.

As transformações sociais, impulsionadas dentre outros fatores pelo desenvolvimento tecnológico, atingiram em cheio a figura do autor e o papel da escrita. Enquanto em alguns gêneros discursivos o autor continua tendo um espaço irrevogável, em gêneros virtuais como, por exemplo, o *meme*, a autoria é coletiva. Não importa quem fala, mas o que se fala. Em conformidade com

Foucault (2001), entendemos que há discursos que são providos pela função de autoria, e outros que são desprovidos dessa função.

De outra sorte, os avanços tecnológicos instauram “um afastamento entre o autor e seu texto” (CHARTIER, 1999, p. 16). Não há mais que se desenrolar um pergaminho, apontar um grafite, esculpir em uma tábua de argila e arquivar inúmeros papéis A4. A relação entre o texto e o autor se distanciou corporalmente pelas novas posturas assumidas ao digitar em um computador, teclar em um *tablet* ou manusear um celular.

Mas além disso, difundiu-se também um distanciamento moral e de responsabilidade. Muitas vezes o apagamento do autor acontece no mundo virtual de modo sorrateiro, a fim de ofender sem responsabilidade, manipular sutilmente ou apropriar-se do conhecimento alheio sem a indicação de seu proprietário.

Quando Foucault (2001) e Barthes (2004) anunciam o apagamento e a morte do autor, na verdade o que eles afirmam é a existência de uma ordem discursiva para a função de autor e incluímos aqui a função de coautoria. Ordem esta afetada pelas condições de produção da escrita e leitura de cada época, de cada espaço geográfico, de cada comunidade linguística.

O autor é, na verdade, uma função ocupada por um sujeito, e não por uma pessoa. Há um sujeito que se constitui no enunciado produzido e a posição assumida por ele poderia ser assumida por outros rostos, outros seres humanos. O autor não é um ser biológico e transparente, mas uma posição ocupada por sujeitos produzidos na relação entre o seu interior e o seu exterior. O autor não tem sua origem no interior de uma pessoa, mas é uma construção ao longo do tempo influenciada pelas leituras, pelas experiências, pelas escutas, pelas emoções, pelos pensamentos.

2. A escrita acadêmica: batimentos entre autoria e coautoria

Em sua aula inaugural no Collège de France, pronunciada no dia 02 de dezembro de 1970, intitulada *A ordem do discurso*, Foucault (2009) apresenta alguns procedimentos de controle, seleção, organização e redistribuição dos discursos em uma sociedade. Entre eles dois procedimentos especialmente nos interessam: o comentário e o autor.

Segundo Foucault (2009), não há discurso fundamental ou criador estável e que se conserve sem novas reverberações. É próprio da concepção discursiva compreender o enunciado produzido como passível de repetição, embora o acontecimento dessa repetição permita a pluralidade de novos sentidos para o que já havia sido dito.

Mas, por outro lado, o comentário não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer *enfim* o que estava articulado silenciosamente no *texto primeiro*. Deve, conforme um paradoxo que ele desloca sempre, mas ao qual não escapa nunca, dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito (FOUCAULT, 2009, p. 25).

No meio acadêmico vislumbramos uma prática de produção de comentários um pouco diferente do comentário abordado por Foucault, tendo em vista que ele se refere ao comentário enquanto repetição de um texto primeiro. Mas compreendemos que os comentários marcados no texto de um aluno pelo seu orientador continuam ainda exercendo essa função primeira elencada em *A ordem do discurso*: dizer o que já havia sido dito, o que já estava articulado silenciosamente.

Não raras vezes na orientação presencial nos deparamos com a célebre afirmação: *Mas era exatamente isso que eu queria dizer!*. E de fato, quando a relação entre orientador e orientando já se desenrola por um bom tempo, o professor consegue ler o que o aluno queria dizer, mas que não disse de modo

academicamente claro para o leitor do seu artigo, de sua dissertação, de seu resumo expandido, enfim.

Uma outra indicação regular nas orientações é a da ausência da fonte. Segundo Barthes (2004), o escritor não é perfeitamente original, sua função é misturar o que já foi escrito por outros sujeitos, posto que suas palavras fazem sentido e se explicam através de outras palavras. Não poderíamos deixar de nos remeter ao seu célebre enunciado: *o texto é um tecido de citações, saldas dos mil focos da cultura* (BARTHES, 2004, p.4). Resposta nem sempre bem recebida pelos orientados que acreditam ser a fonte do que dizem.

Em seu texto *A morte do autor*, Barthes (2004) compreende que o leitor tem um papel fundamental. Para ele não é o autor o lugar de reunião da multiplicidade dos ditos. No final de seu texto, ele concede ao leitor a função de entender as palavras em sua duplicidade, dar ao texto a sua unidade e não perder todas as citações que fazem parte de uma escrita. Esse é um leitor ideal, nem sempre formado em nossas escolas brasileiras.

Retornando ao espaço acadêmico de um curso de licenciatura, o professor-orientador exerce esse papel de destino da escrita de seu aluno, sugerindo na devolução do texto estratégias que ajudarão na construção da unidade, na articulação de todas as citações, no apagamento ou na emergência da duplicidade de sentidos.

O orientador realiza, portanto, um exercício de coautoria das produções textuais de seus alunos, ou pelo menos, deveria, na medida em que seus comentários participam como um princípio de controle, de distribuição e de organização da construção do texto do discente. Não cabe ao orientador e a professor algum a função de mero leitor-corretor, mas de “co-enunciador dos textos dos seus alunos” (GERALDI, 2010, p.170).

Considerações finais

A prática docente de orientar a escrita de alunos de graduação em diferentes gêneros acadêmicos nos permite fazer reflexões tanto do ponto de vista estritamente linguístico, quando observamos, por exemplo, regularidades quanto às inadequações sintáticas, e do ponto de vista textual-discursivo, quando identificamos dificuldades com a organização de ideias, argumentos e abordagens teóricas.

O orientador não é, ou não deve ser, um leitor desavisado, mas um participante ativo de todo o processo de escrita textual de seu orientando, desde o planejamento, passando pela escrita, reescrita, revisão, edição e publicação. O que não implica no apagamento do aluno enquanto autor de seu texto, mas na emergência do professor enquanto coautor, compartilhando a responsabilidade e responsividade do que foi escrito (BAKHTIN, 2010).

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BARTHES, R. A morte do autor. In: _____. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.p.66-70.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

FOUCAULT, M. *Ditos e escritos*. Estética: literatura e pintura, música e cinema. MOTTA, M. B. (Org.). Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. v.3.

_____. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GERALDI, J. W. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João editores, 2010.